

LINGUAGEM E TECNOLOGIA ONLINE: USO DO INTERNETÊS*

Eloiza da Silva Gomes de Oliveira – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Caio Abitbol Carvalho – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Fabiana Triani Barbosa da Silva – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Gabriel Moura Souza Miranda Rodrigues – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Raphael Silberman Dereczynski – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO: A linguagem, sistema simbólico dos grupos humanos, representa um salto qualitativo na evolução da espécie. É ela que fornece os conceitos, as formas de organização do real, tornasse instrumento da mediação entre o sujeito e o objeto do conhecimento. Através dela as funções mentais superiores são socialmente formadas e culturalmente transmitidas. Através de uma pesquisa realizada com 500 pessoas entre 17 e 32 anos optamos na pesquisa pela aplicação de um questionário. A escolha da metodologia foi precedida de estudos e reflexões sobre o assunto, pois entendemos que deve haver harmoniosa adequação entre o problema definido, o objeto escolhido, os objetivos formulados e a metodologia empregada em uma pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem. Internetês. Comunicação.

INTRODUÇÃO: A IMPORTANCIA DA INTERAÇÃO PARA A APRENDIZAGEM

Interação sempre foi a palavra-chave para entender como a aprendizagem ocorre. Ela pode ser mais ou menos valorizada, de acordo com o enfoque teórico que norteia um estudo. No nosso caso a fundamentação é de base construtivista social, de cunho interacionista.

Para Piaget nenhum conhecimento, mesmo que através da interação entre o real e o aparato cognitivo do indivíduo. Afirma o autor que conhecimento é construído interativamente entre o sujeito e o objeto:

Os conhecimentos não partem, com efeito, nem do sujeito (conhecimento somático ou introspecção) nem do objeto (porque a própria percepção contém uma parte considerável de organização), mas das interações entre sujeito e objeto e de interações inicialmente provocadas pelas atividades espontâneas do organismo tanto quanto pelos estímulos externos. (Piaget, 1996, p. 39).

Para Vygotsky (1991; 1991^a), outro importante teórico, é essencial a “natureza social” do ser humano. A construção do conhecimento e da subjetividade é resultante dos processos interacionais, provenientes dos intercâmbios da criança no seu contexto histórico-cultural. A linguagem assume papel fundamental neste processo, pois é por meio dela que o homem interage com o ambiente.

A linguagem, sistema simbólico dos grupos humanos, representa um salto qualitativo na evolução da espécie. É ela que fornece os conceitos, as formas de organização do real, torna-se instrumento da mediação entre o sujeito e o objeto do conhecimento. Através dela as funções mentais superiores são socialmente formadas e culturalmente transmitidas.

Vamos evitar a polêmica estabelecida em relação aos conceitos de interação e interatividade. Silva (2000, p. 9) indica três reações frequentes ao termo “interatividade”:

A primeira é aquela que vê mera aplicação oportunista de um termo ‘da moda’ para significar velhas coisas como diálogo e comunicação. Para a segunda reação, interatividade tem a ver com ideologia, com publicidade, estratégia de *marketing*, fabricação de adesão, produção de opinião pública, aquilo que legitima a expansão globalizada do novo poderio tecno-industrial baseado na informática. E fazem parte da terceira reação, os que dizem jamais se iludir com a interatividade homem-computador, pois, acreditam que, por trás de uma aparente inocência da tecnologia ‘amigável’, “soft”, o que há é rivalidade e dominação da técnica promovendo a regressão do homem à condição da máquina.

A interação é compreendida por nós como essencial, já que a existência do sujeito se constitui na relação com os outros. O próprio Vygotsky fala da utilização de elementos mediadores entre o sujeito e o objeto do conhecimento com que interage: “(...) o uso de meios artificiais – a transição para a atividade mediada – muda, fundamentalmente, todas as operações psicológicas, assim como o uso de instrumentos amplia de forma ilimitada a gama de atividades em cujo interior as novas funções psicológicas podem operar (...). (VYGOTSKY, 1991, p. 73).

Partindo do princípio de que a aprendizagem é produto da colaboração, do questionamento coletivo e da interação entre quem aprende, quem ensina e o conteúdo a ser aprendido, a participação e interação humana, já citada, tornam-se pilares fundamentais. Podemos falar de uma “presença social” que evolui do individual para o coletivo, permitindo a existência de significados compartilhados da interação, da colaboração e da reflexão crítica individual e coletiva.

Primo (1998) fala de dois tipos de interação: a mútua e a reativa. A interação mútua acontece de forma “negociada” entre os participantes do processo comunicacional. A interação reativa acontece de forma linear e determinada, planejada objetivamente segundo finalidades estabelecidas. Para o autor é nas interações mútuas, por seu caráter não determinado de antemão, complexo e imprevisível, que se encontra um instrumento efetivo de aprendizagem, que pode ser intensificado pelo uso das tecnologias digitais.

A PESQUISA REALIZADA

Em virtude da abrangência da amostra (500 pessoas) e das características da mesma (escolaridade elevada e familiaridade com as tecnologias digitais) optamos na pesquisa pela aplicação de um questionário.

A escolha da metodologia foi precedida de estudos e reflexões sobre o assunto, pois entendemos que deve haver harmoniosa adequação entre o problema definido, o objeto escolhido, os objetivos formulados e a metodologia empregada em uma pesquisa.

No nosso caso, temos:

- O problema estudado foi “Como os jovens utilizam as tecnologias e a internet nos dias de hoje?”.
- O objeto da pesquisa foi o mapeamento de características da relação dos jovens com as tecnologias digitais e, em especial, com a internet.
- O objetivo geral formulado foi “Descrever um universo de traços significativos da relação dos jovens com as tecnologias digitais, prioritariamente com a internet”.

Evitando a polêmica que envolve os conceitos de metodologia, método e técnica, optamos pelo que dizem Cerro e Bervian (2002, p.26) o “método se concretiza como o conjunto das diversas etapas ou passos que devem ser dados para a realização da pesquisa”. Essas etapas são as técnicas de pesquisa, no nosso caso um questionário para a coleta de dados.

Planejamos então uma pesquisa aplicada, modalidade que tem como propósito, segundo Trujillo Ferrari (1982, p.171), gerar soluções aos problemas humanos, entender como lidar com um problema.

Utilizando a tipologia de Vergara (1997), a nossa pesquisa é do tipo telematizada, pois utiliza informações que combinam o uso de computador e de telecomunicações. O questionário foi formulado online, elaborado utilizando o Google Docs, pacote de aplicativos que permite, entre outras coisas, criar e aplicar formulários de pesquisa online.

O questionário é constituído por uma série ordenada de perguntas que coleta informações descritivas, comportamentais e preferenciais dos componentes da amostra estudada.

A correta utilização do questionário envolve, segundo Rea e Parker (2002), uma coleta de dados preliminares a respeito do tema e da população alvo da pesquisa, a discussão em grupo dessas questões e informações, a elaboração de um “piloto” (rascunho do questionário), o pré-teste e a revisão do instrumento, chegando à forma final do mesmo.

O instrumento utilizado era composto de três campos. O primeiro (questões de 01 a 05) buscava informações descritivas da amostra: gênero, idade, escolaridade, meio de conexão à internet e número de horas / dia e conexão.

O segundo campo continha questões comportamentais, do tipo “Para você a internet serve mais para...”. O terceiro campo começava por questões preferenciais. Apresentava quinze asserções sobre a internet e pedia “Das afirmativas abaixo, assinale "SIM" se você concorda, ou "NÃO" se você não concorda”. A seguir retornava a um complemento relativo a aspectos comportamentais: “Das afirmativas acima escolha duas e justifique a sua resposta”. Apresentava ao final um campo para “Comentários Gerais”.

No momento da análise dos dados, por serem eles quantitativos e qualitativos, dois procedimentos foram utilizados: para os dados qualitativos uma tabulação simples, seguida da análise dos resultados; para os dados quantitativos optamos pela análise de conteúdo, conjunto de técnicas de análise das comunicações (BARDIN, 1979).

Segundo Barros e Lehfeld (1996, p. 70), "é atualmente utilizada para estudar e analisar material qualitativo, buscando-se melhor compreensão de uma comunicação ou discurso, de aprofundar suas características gramaticais às ideológicas e outras, além de extrair os aspectos mais relevantes".

A análise de conteúdo não tem modelo pronto: constrói-se através de uma vai-e-vem contínuo e tem que ser reinventada a cada momento, conforme Bardin (1979, p. 31).

Para o tratamento dos dados da pesquisa passamos pelos três momentos previstos pela autora: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados: (inferência e interpretação).

Ao final do processo todos os resultados de análise foram cuidadosamente examinados e postos em diálogo com o vasto referencial teórico estudado, permitindo-nos estabelecer conclusões.

UM POUCO DOS RESULTADOS OBTIDOS

Escolhemos, como ilustração desse tema, as respostas à afirmativa “O internetês (linguagem abreviada e simbolizada usada na internet) é a linguagem do futuro”, que fazia parte das questões preferenciais do terceiro campo do questionário.

Dos 481 questionários válidos preenchidos pelos participantes da pesquisa 75,05% não concordaram com esta afirmação. Analisamos as respostas das pessoas que optaram por justificá-las, criamos categorias e obtivemos argumentos assim distribuídos:

Tabela 1: Tabela em referência à algumas respostas acerca da afirmativa “ O internetês (linguagem abreviada e simbolizada usada na internet) é a linguagem do futuro. ”

CATEGORIA	EXEMPLO DE ARGUMENTAÇÃO
Não atende a norma culta da língua.	A internet não é a linguagem do futuro, não podemos confundir um modo de escrita abreviado totalmente errado com a forma culta da língua. Uma coisa é o uso formal das palavras com pessoas do seu círculo social pessoal, outra coisa é uso desta linguagem com pessoas onde é necessário a fala mais culta.
Empregabilidade reduzida.	Nunca!! A norma culta da escrita sempre prevalecera no mundo da empregabilidade e negócios é necessário essa formalidade. E talvez por este uso descontrolado da internet que a qualificação das pessoas tenha diminuído.
Fere padrões convencionados.	Tem muito linguajar que não deve ser usado e que não dá para entender, as pessoas que são "família" não usarão.
Trata-se de uma linguagem que não é “real”.	A linguagem padrão dos nossos pais é o português e não tem como mudar a linguagem culta por uma linguagem inventada, não dá pra trocar o português pelo internetês.
O futuro do internetês.	A linguagem utilizada na internet continuará sendo utilizada na própria web de modo informal.

CONCLUSÃO

A maior descoberta dos seres humanos não foi a roda ou o fogo, mas a palavra. Durante anos, o homem vem aperfeiçoando a capacidade de se comunicar. As palavras tinham um alcance muito pequeno, então foi inventada a escrita, que permitiu transmitir ideias através de cartas e livros. Um problema das cartas era que elas demoravam muito tempo para chegar ao destinatário, dependendo da distância. Uma mensagem do rei de Portugal, por exemplo, demorava semanas para chegar até o Brasil Colônia. Então o telegrafo foi criado, sendo aperfeiçoado, surgiu o telefone que, finalmente tornou-se móvel.

Os telefones móveis, também conhecidos como telefones celulares agora são capazes de transmitir mensagens também através da internet móvel. Praticamente todo celular tem uma conexão à internet. Quase todo jovem acessa as redes sociais pelo celular. Uma

característica peculiar de quem as acessa é a comunicação em tempo real. Os jovens enviam mensagens instantâneas, através da escrita, através de *chats*. Como na internet tudo é dinâmico, as mensagens precisam ser enviadas num curto espaço de tempo. Muitas vezes os jovens escrevem de maneira errada e abreviada. Essa escrita, característica dos usuários de redes sociais é conhecida como “internetês”.

Essas afirmações mostram o desconhecimento da história da norma culta. A linguagem formal foi mudando de acordo com os anos. O português formal sofreu diversas transformações até chegar ao modo como hoje o conhecemos. O preconceito linguístico, que provoca a desconsideração de outras formas de linguagem, dificultou alterações mais profundas da norma culta, mas as que ocorreram muitas vezes não chegaram ao conhecimento de todos.

(...) É o preconceito de que existe uma única maneira “certa” de falar a língua, e que seria aquele conjunto de regras e preceitos que aparece estampado nos livros chamados *gramáticas*. Por sua vez, essas gramáticas se baseariam, supostamente, num tipo peculiar de atividade linguística – exclusivamente *escrita* – de um grupo muito especial e seleto de cidadãos, os grandes estilistas da língua, que também costumam ser chamados de “os clássicos”. Inspirados nos usos que aparecem nas grandes obras literárias, sobretudo do passado, os gramáticos tentam preservar esses usos compondo com eles um modelo de língua, um padrão a ser observado por todo e qualquer falante que deseje usar a língua de maneira “correta”, “civilizada”, “elegante” etc. É esse modelo que recebe, tradicionalmente, o nome de *norma culta*. (BAGNO, 2001, p. 21).

O que chama a atenção não é o preconceito linguístico, mas a afirmativa que, ironicamente, percorre gerações. A ideia do “no meu tempo era melhor”. A ideia que o antigo é sempre melhor que o atual e o novo sempre será prejudicial. Os jovens que responderam ao questionário são aqueles que, segundo Calligaris (2000), são os habitantes renegados da tribo. Esse grupo que luta tanto em ser reconhecido entre os adultos que rejeita a hipótese de uma mudança na norma culta. Mal esse jovem sabe que tendências mudam e, assim como a moda, a mídia e a política, a norma culta também sofre alterações. Tomamos como exemplo o pronome de tratamento “você”. Segundo Gonçalves (2010) a origem do motivo das alterações varia, mas a evolução do pronome é inquestionável. Ele começou com “vossa mercê”, sofreu alterações até chegar ao “você” e está sofrendo alterações do internetês e, em certas literaturas, já está sendo usado o “vc”.

O que difere, então, o internetês da língua padrão? O internetês é característico pela linguagem próxima da oralidade. Os adeptos dessa linguagem não estão preocupados em escrever de acordo com a norma padrão, na verdade, eles escrevem errado de propósito. Segundo Bagno (2001) a sociedade brasileira foi acostumada a ler muito pouco, sendo assim nossa linguagem é muito mais baseada na linguagem oral que na literária. A literatura brasileira pouco influenciou na nossa gramática.

Somos muito mais influenciados pelas “modas” linguísticas da televisão e do rádio e, em menor escala, da imprensa escrita do que pelo trabalho estilístico dos autores de ficção. Estes, por sua vez, nos últimos cem anos, vêm se esforçando por incorporar em suas obras traços característicos da língua falada no dia-a-dia da sociedade – é a arte imitando a vida, e não o contrário, como sempre se postulou em questões de língua durante o longo predomínio da tentativa de “imitação dos clássicos”. (BAGNO, 2012, p. 23).

A linguagem do internetês é baseada na sonoridade das palavras. Ao escrever a palavra “Bicho” nas redes sociais, o usuário acaba escrevendo “Bixo”, seja pela rapidez da conversa, ou por descumprimento das regras impostas pelos adultos ou até por falta de conhecimento da norma culta.

Há, por outro lado, um grupo de corretores na internet que deslegitimam o internetês. Esse comportamento positivista é apenas uma forma de reprimir a ascensão da cultura popular. Esse medo de ser superado faz com que até mesmo o oprimido, mesmo que inconscientemente

se alie com o opressor. O medo do novo atormenta a vida daqueles que estão no topo, sendo assim, como toda tendência seja ela no ramo da moda, musical e na escrita, sofrerá certo receio e, no futuro poderá ser considerada parte da cultura da sociedade.

Entre os educadores, outra vertente da pesquisa que realizamos, predomina o pensamento de que o uso das tecnologias estimula o raciocínio e a criatividade, mas empobrece a escrita. Enfim, o tempo dirá qual o verdadeiro impacto dessa hiperconexão à Web sobre a norma culta da língua e seus usos.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. Norma lingüística e preconceito social: questões de terminologia. In **Traduzires**. Revista do POSTRAD. V.1, n. 1, p. 19-32, 2012. Disponível em <http://periodicos.unb.br/index.php/traduzires/article/view/6652/5368>. Acessado em 15/03/2015.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BARROS, Aidil de Jesus P.; & LEHFELD, Neide A. de Souza. **Projeto de pesquisa**: propostas metodológicas. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. São Paulo: Prentice Hall, 2002.
- GONÇALVES, Clézio Roberto. De Vossa Mercê a Cê: Caminhos, percursos e trilhas. In **Cadernos do CNLF**. V. XIV, n. 4, t. 3, p. 2535-2550, 2010. Disponível em http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_3/2535-2550.pdf. Acesso e 03/03/2015.
- PIAGET, Jean. **Biologia e conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- PRIMO, Alex F. T. Interação Mútua e Interação Reativa. Texto apresentado no GT de Teoria da Comunicação para apresentação do XXI Congresso da Intercom - Recife, PE, de 9 a 12 de setembro de 1998. Disponível em http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/int_mutua_reativa.pdf. Acessado em 10/03/2015.
- REA, Louis M.; PARKER, Richard. **Metodologia da pesquisa**: do planejamento à execução. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- SILVA, Marco. **Sala de aula interativa**. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.
- TRUJILLO FERRARI, Alonso. **Metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1982.
- VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 1997.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- _____. **Pensamento e linguagem**. São Paulo. Martins Fontes, 1991^a.